

ROGER SCRUTON

SOBRE A  
NATUREZA  
HUMANA

Tradução de  
LYA LUFT

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-003-9

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se em [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba  
informações sobre nossos lançamentos e nossas  
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)



# Sumário

Prefácio

1. A espécie humana

2. Relações humanas

3. A vida moral

4. Obrigações sagradas

Índice onomástico

Índice por assunto

## Prefácio

O livro que se segue é uma versão revisada das três palestras memoriais Charles E. Test que ministrei, sob os auspícios do Programa James Madison, na Universidade de Princeton durante o outono de 2013. Sou muito grato ao programa e a seu diretor, Robert P. George, pelo convite e pela hospitalidade demonstrada durante minha visita. E sou especialmente grato à animada audiência que sempre se pode esperar em Princeton e ao espírito de pensamento livre que prevalece por lá. Ao preparar as palestras para publicação, estou consciente de que elas são, no máximo, um resumo de minhas opiniões e não solucionam as dificuldades que ocorrerão ao leitor atento. Algumas dessas dificuldades foram abordadas em *A alma do mundo* e no quarto capítulo aqui acrescentado às palestras; outras devem esperar uma tentativa posterior ou, na ausência dela, acompanhar-me ao túmulo.

Os esboços iniciais foram revisados por Bob Grant, Alicja Gescinska e dois leitores anônimos da Princeton University Press, e eu me beneficieei enormemente das observações feitas pelos quatro.

Scrutopia, Páscoa de 2016.

## 1. A espécie humana

Nós, seres humanos, somos animais, governados pelas leis da biologia. Nossa vida e morte são processos biológicos de um tipo que também verificamos em outros animais. Temos necessidades biológicas, e somos influenciados e compelidos por genes com seus próprios imperativos reprodutivos. E esse imperativo genético se manifesta em nossa vida emocional de maneiras que nos fazem lembrar nosso corpo e seu poder sobre nós.

Séculos a fio, poetas e filósofos contaram histórias sobre o amor erótico — com Platão abrindo caminho. Essas narrativas dotaram o objeto do amor de valor, mistério e distinção metafísica que parecem colocá-lo fora da ordem natural. E, nessas histórias, a biologia dificilmente aparece, embora haja outras que quase não fariam sentido se não fosse pela nossa condição de animais reprodutivos, que estabeleceram seu nicho através da seleção sexual.

Somos criaturas territoriais, exatamente como chimpanzés, lobos e tigres. Reclamamos nosso território e lutamos por ele; nossos genes, que exigem o mesmo clamor exclusivo sobre o hábitat a fim de garantir sua replicação, dependem de nosso

sucesso. Mas, quando lutamos, geralmente é em nome de algum ideal elevado: justiça, liberdade, soberania nacional — até mesmo Deus. Mais uma vez, parece que temos o costume de contar a nós mesmos histórias que não fazem referência alguma às realidades biológicas nas quais se enraízam.

Os mais nobres atributos humanos também têm seu embasamento biológico — ou pelo menos é o que parece. O autossacrifício que faz uma mulher deixar tudo de lado por seus filhos, a coragem que capacita seres humanos a suportar os maiores sofrimentos e perigos por algo que valorizam, até virtudes como temperança e justiça, que parecem exigir que superemos nossos próprios desejos — todas essas coisas pareceram, a muita gente, ter contrapartes entre os animais inferiores e exigir uma só explicação, que se possa generalizar entre as espécies. O afeto pessoal foi levado ao terreno da biologia, primeiro pela altamente metafórica e hoje amplamente desacreditada teoria da libido, de Freud, e, mais recentemente, pela teoria do apego (*attachment*), de John Bowlby, para quem amor, perda e luto devem ser explicados ao menos em parte como produtos filogenéticos de nossa necessidade de uma “base segura”.<sup>1</sup> Bowlby foi um psiquiatra agudamente consciente de que seres humanos não apenas herdam suas capacidades emocionais, mas também as adaptam e refinam. Mesmo assim, ele descreveu amor, sofrimento e luto como processos biológicos, argumentando que “o laço da criança com sua mãe é a versão humana do comportamento comumente visto em muitas outras espécies animais”.<sup>2</sup>



Colocando esse comportamento em seu contexto etológico, Bowlby conseguiu explicações muito mais plausíveis de nossas ligações primárias do que aquelas dadas por Freud e seus sucessores imediatos. Nossos afetos pessoais, argumentou ele, devem ser explicados em termos da função que exercem em nosso “ambiente de adaptação evolucionária”, e a explicação não será baseada em termos que façam qualquer divisão ontológica radical entre nós e outros mamíferos. A descoberta do hormônio oxitocina e seus efeitos na predisposição de diferentes animais para relações afetivas com sua própria espécie encorajou ainda mais a visão de que o apego pode ser entendido e explicado sem referência às histórias com as quais nós humanos o adornamos.

Quando Darwin e Wallace abordaram pela primeira vez a ideia de seleção natural, surgiu o questionamento sobre se muitas características “superiores”, como moralidade, autoconsciência, simbolismo, arte e emoções interpessoais, criam tal fissura entre nós e os animais “inferiores” a ponto de exigirem uma explicação diferente. Wallace primeiro pensou que não, mas mais tarde mudou de ideia, concluindo que há um salto qualitativo na ordem das coisas, colocando as faculdades mais elevadas da espécie humana numa categoria diferente dos traços que partilhamos com nossos vizinhos evolucionários. Como ele afirma, “somos dotados de poderes intelectuais e morais supérfluos aos requisitos evolucionários”,<sup>3</sup> e assim a existência desses poderes não poderia ser explicada por uma seleção natural por aptidão.



Mas Darwin permaneceu ligado à visão de que *natura non facit saltus*, e ao escrever *A origem do homem* tentou mostrar que as diferenças entre humanos e outros animais, por maiores que sejam, podem mesmo assim ser reconciliadas com a teoria da evolução passo a passo.<sup>4</sup> Para Darwin, o senso moral é contínuo aos instintos sociais de outras espécies.<sup>5</sup> Através da teoria da seleção sexual, ele deu um relato aumentado das fontes das quais a seleção natural pode se alimentar, e deu a sugestão, retomada em nossos dias por Steven Pinker e Geoffrey Miller, de que muitas das faculdades “superiores” do homem, como arte e música, que diante disso parecem destituídas de uma função evolucionária, deveriam ser encaradas como resultado de uma seleção a nível sexual.<sup>6</sup> Darwin prosseguiu com um relato das emoções humanas no qual sua expressão em movimentos faciais e gestos se compara à expressão de emoções em outros animais: e seu objetivo em tudo isso foi sugerir que o lapso percebido entre nós e nossos primos evolucionários não prova uma origem separada.<sup>7</sup>

## GENÉTICA E JOGOS

Essa controvérsia assumiu um caráter totalmente diferente desde a obra pioneira de R. A. Fischer sobre genética populacional.<sup>8</sup> Problemas com os quais Darwin lutou a vida inteira — a seleção sexual de traços disfuncionais (problema da cauda do pavão), por exemplo, ou o “altruísmo” de insetos (problema do formigueiro) — são radicalmente transformados